



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

Crueldade e manejo da verdade:

Notas sobre o véu e mascaras.

SANCHES, Daniele Rosa. Crueldade e manejo da verdade: notas sobre o véu e máscara. Texto apresentado como resultado da pesquisa sobre Crueldade, inserida no Projeto do Instituto VOX *As Vociferações e seus tratamentos possíveis*. Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro 2019.

Crueldade e manejo da verdade: notas sobre o véu e máscara¹

Daniele Rosa Sanches²

Resumo:

O objetivo deste trabalho é delimitar o campo conceitual da crueldade através das contribuições teóricas de Jacques Lacan. A crueldade é apresentada como um circuito que opera num campo discursivo mediante uma subversão na função do semblante – lugar de agente do discurso. O mascaramento do semblante e o tamponamento da verdade compõem aspectos estruturais da crueldade, embora ela possa vestir diferentes roupagens e se combinar com outros elementos.

Palavras-chave: crueldade, verdade, semblante, véu e máscara.

¹ Este texto é resultado parcial da pesquisa sobre Crueldade coordenada pela autora Daniele Sanches, iniciada em 2017 e finalizada em setembro de 2019, no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise em São Paulo -SP. A pesquisa sobre Crueldade é parte do projeto *As vociferações e seus tratamentos possíveis* idealizado e dirigido pelo psicanalista Mauro Mendes Dias. Todos os vídeos do projeto e os textos produzidos pelo grupo de pesquisadores estão disponíveis nos links do Instituto Vox TV e na Biblioteca virtual. Acesse o site: www.voxinstituto.com.br

² Daniele Sanches é Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Mestre pelo Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP. Membro e Analista Praticante do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Autora de diversos artigos e capítulos de livro em psicanálise. Desenvolve pesquisas que articulam a clínica lacaniana à questões da sociedade contemporânea.

SANCHES, Daniele Rosa. Crueldade e manejo da verdade: notas sobre o véu e máscara. Texto apresentado como resultado da pesquisa sobre Crueldade, inserida no Projeto do Instituto VOX *As Vociferações e seus tratamentos possíveis*. Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro 2019.

Crueldade e manejo da verdade: notas sobre o véu e máscara³.

O projeto *As vociferações e seus tratamentos possíveis*⁴, idealizado por Mauro Mendes Dias, dedica-se a estudar as relações de ódio presentes nos laços contemporâneos e pensar seus tratamentos possíveis. No *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud (1953/54)*, Jacques Lacan propõe que o homem é habitado por três paixões humanas: o ódio, o amor e a ignorância. No vídeo nomeado *Fundamentos psicanalíticos para um estudo da crueldade*⁵ expusemos que o ódio possui diferentes modalidades de atuação, entre elas a violência e a crueldade. Ao contrário do que possa parecer estas condições não se equivalem, embora com frequência atuem juntas. A diferença principal reside no fato de que a violência é um ato e a crueldade é um circuito.

1

Violência e crueldade: temporalidades diferentes

Na madrugada de 20 de abril de 1997 um homem foi queimado vivo enquanto dormia numa parada de ônibus, em Brasília – DF. Cinco jovens de classe média atearam fogo no cacique do povo pataxó. O índio Galdino⁶ teve 95% do corpo queimado e morreu no dia seguinte após o ataque violento. Jovens educados e de olhos bem abertos definiram o destino daquele índio que ali dormia. A passagem dos assassinos deixou como herança para os jornais da manhã seguinte os restos de um cobertor

³ Para citar este texto: SANCHES, Daniele Rosa (2019). *Crueldade e Manejo da Verdade: notas sobre o véu e a máscara*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: < <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/> >

⁴ DIAS, Mauro Mendes (2018/2019). *As vociferações e seus tratamentos possíveis*. (Vídeos). Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv/> >

⁵ SANCHES, Daniele Rosa (2018). *Fundamentos psicanalíticos para um estudo da crueldade*. (Vídeo). Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Disponível em: <<https://voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv/> >

⁶ Galdino Jesus dos Santos, cacique do povo Pataxó.

incendiado. Mesmo quando praticada às escuras a violência se dá a ver, pois deixa marcas físicas. Já a crueldade deixa cicatrizes de outra natureza.

No caso do assassinato de Galdino três elementos estão presentes: violência, crueldade e sadismo. Mas é preciso um exame detalhado para distinguir cada um deles. A violência está no ataque dirigido ao corpo, o sadismo está em satisfazer-se vendo o outro sentir dor; já a crueldade é mais complexa e atende a duas condições, ao menos: 1) há uma ocultação da cena; 2) o sujeito-alvo é desprovido de qualquer possibilidade de escolha.

Pelas costas, os jovens fitaram Galdino para a morte. A crueldade é covarde. A violência se exhibe. A violência pressupõe um espaço físico onde se realiza, o local pode ser público ou privado, escondido na intimidade de cada lar ou aberto em praça pública. Por exemplo, a violência entre torcidas organizadas de futebol ocorre sem disfarces. A céu aberto deixam arquibancadas despedaçadas e pessoas feridas num cenário totalmente público. Já a violência doméstica ocorre sob álibi da privacidade. Dela temos notícias quando os corpos machucados são fotografados para o exame de corpo de delito. Por deixar rastros físicos da destruição, a violência é passível de ser registrada pelo olhar. Em contrapartida, a crueldade depende de uma ocultação para existir. A crueldade reside lá onde o homem não a vê – ou finge que não vê.

Além de convocar o olhar, a violência possui uma *relação de finitude com o tempo*. Ela dura o tempo que o ato de agressão está em ação. O tempo finito e muitas vezes fugaz torna-se cúmplice do algoz. Aqueles que sofrem violência doméstica sabem que não há meios de prová-la caso tenha transcorrido longo período após a agressão. Uma vez curados os hematomas, como provar que a violência existiu? Sua temporalidade determinada exige da vítima, ou da testemunha, uma decisão imediata. Inúmeros são os lares nos quais a violência dura a extensão determinada de uma noite. Na manhã do dia seguinte resta o silêncio sustentado pelo argumento temporal de que ‘o pior já passou’. Por ser datável, geralmente, a violência chega ao conhecimento público numa narrativa verbal em “pretérito perfeito”, ou seja, uma ação que começou e terminou no passado.

Desde os assassinatos em massa praticados pelos regimes autoritários até os grandes massacres urbanos, tais como o Massacre do Carandiru (1992)⁷, a Chacina da Candelária (1993)⁸, todos são narrados ao público em pretérito perfeito: já aconteceu.

⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_do_Carandiru

⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacina_da_Candelaria

Neste contexto, se violência é definida como um ato, *a crueldade se define pela recusa a evitar o ato que está por vir*. A crueldade se exerce pelo manejo oculto de uma verdade no presente que ditará o desfecho de uma cena a advir num futuro próximo. Portanto, o tempo verbal que revela a presença de uma *responsabilidade cruel* é o “futuro do pretérito”. Alguém poderia, deveria, conseguiria evitar, mas não o fez.

Considerando exatamente tal lógica temporal, a corte Juvenil do Condado de Bristol, nos Estados Unidos, em 2017 condenou a jovem Michelle Carter por ser a responsável pela morte do namorado Conrad Roy⁹. O jovem de 18 anos se matou ao seguir as mensagens enviadas por Michele, que deliberadamente incentivavam seu suicídio. Considerada uma decisão inédita na jurisprudência americana, o suicídio foi sentenciado como homicídio. Na sentença lida, a corte americana entendeu que foram as palavras de Michelle que mataram o jovem. Ela poderia ter evitado a morte, mas não o fez. Futuro do Pretérito. A mesma questão pode ser dirigida retroativamente para as tragédias brasileiras nas cidades de Mariana e Brumadinho: alguém manejava uma verdade que poderia evitar a catástrofe que estava por vir?

O efeito da avalanche de lama nos remete à violência e destruição das grandes catástrofes naturais. Enchentes, furacões, vulcões, tsunamis, terremotos. Inequivocamente, todos esses desastres recebem a adjetivação de serem violentos: “a violência da água”, “a violência do terremoto”, “a violência do vento”. Mesmo as savanas e seus leões famintos emprestam sua violência às lentes fotográficas. Parte do sucesso da National Geographic está em capturar a temporalidade fugaz da violência selvagem. Tratam-se de cenas que registram os segundos nos quais um animal avança sobre sua presa. Num piscar de olhos, uma vida saltitante transforma-se em restos. Tanto a fúria de um terremoto que em poucos segundos engole uma cidade quanto a voracidade dos leões, ambos nos provam que a violência existe numa temporalidade determinada e finita, mas nem sempre pressupõe o homem na condição de agente. Entretanto, a crueldade é obra exclusivamente humana e sua temporalidade é inteiramente outra. Eis aí o ponto de bifurcação entre violência e crueldade que intrigou Sigmund Freud e o colocou numa encruzilhada teórica.

Para Sigmund Freud a agressividade é um traço constitutivamente humano. Seguindo a pista freudiana, posteriormente Jacques Lacan irá sugerir que a agressividade é condição necessária para que um sujeito se separe subjetivamente do outro:

⁹ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/06/16/jovem-acusada-de-encorajar-suicidio-do-namorado-e-condenada-e-pode-ficar-20-anos-presa.htm>

O desejo do sujeito só pode, nessa relação, se confirmar através de uma concorrência, uma rivalidade absoluta com o outro, quanto ao objeto para o qual ele tende. E cada vez que nos aproximamos, num sujeito, dessa alienação primordial, se engendra a mais radical agressividade – o desejo do desaparecimento do outro enquanto suporte do desejo do sujeito (Lacan, 1953/54, p. 198)¹⁰.

Se para Lacan a agressividade é um passo lógico necessário na subjetividade, para Freud há uma carga filogenética envolvida que transformaria a agressividade em ato violento. No texto *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (1905), Freud recorreu à teoria filogenética para explicar que é no domínio da presa pelo predador que os animais garantem sua sobrevivência. Sendo o homem um animal, então, teria herdado tal empuxo violento do domínio de objeto para sobreviver. Entretanto, a leitura evolucionista não oferece qualquer explicação para a presença da crueldade.

Freud tenta elaborar uma tese de que a crueldade humana poderia ser uma pulsão, mas ao refinar sua teoria das pulsões parciais formaliza o par ‘sadismo-masoquismo’ e se depara com uma encruzilhada teórica insolúvel. Através da observação direta de crianças, Freud constata que nem toda crueldade vale-se do sadismo para existir. Algumas crianças são deliberadamente sádicas, mas outras são cruéis de forma não sádica. Sem saber, reduzem o outro a mero objeto descartável, mas sem extrair sua satisfação da dor ou do sofrimento alheio. Ao intuir que crueldade e sadismo não se equivalem, Freud desenvolve uma extensa teorização do sadismo pulsional articulado ao masoquismo, mas deixa a crueldade sem uma tese consistente.

2

Crueldade e manejo da verdade: a estática do tempo

A crueldade, portanto, não se equivale ao sadismo, mas qual seria sua particularidade? A cena do assassinato de Galdino nos ensina. Onde há crueldade, há ao menos um de olhos bem abertos, enquanto outro (ou outros) repousam adormecidos. Ou seja, para estabelecer uma cena cruel, *há ao*

¹⁰ Lacan, Jacques (1953/54). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986

menos Um que maneja a verdade, enquanto outro (ou outros) estão capturados por determinada posição na cena. A crueldade vale-se de um ponto cego para existir. Tal como o olhar no retrovisor, a crueldade maneja uma cena desde um ângulo momentaneamente impedido de ser visto. Digno de nota, o ponto cego essencial para a crueldade operar não é de um sujeito para outro, mas do laço social para uma cena. Assim, jamais a crueldade deve ser concebida como uma situação somente entre dois. Há a posição em ponto cego de um terceiro.

Num episódio clínico, uma criança de 10 anos conta devastada que ouviu sua melhor amiga tramar com outras colegas um plano para que ninguém a convidasse para uma festa. Após saber do manejo grupal a mãe da criança decide removê-la da escola. A crueldade do episódio não está na exclusão, mas sim no pacto grupal de encobrir uma verdade. Neste caso, ou todos os adultos estavam situados no ponto cego ou eram cúmplices do pacto, imbuídos da responsabilidade cruel pela cena.

A cena da amizade traíra não é incomum. Ao contrário da violência que tende a provocar uma ruptura, a crueldade tende a se desenvolver enquanto laço, enquanto uma forma de vínculo. E, não raro, constituem vínculos de amizade, de amor, de cuidado ou possuem aspectos de lugares ideais.

A estrutura desses laços é tal como a de uma teia de aranha que habita os cantos intocáveis. Fina, discreta, supostamente invisível, é revelada somente quando a luz sobre ela é lançada no ângulo certo. Amplia-se vertiginosamente por um tempo indeterminado e captura o inseto que transitar em sua rede. Alguns estudos comprovam que a força de retenção de teia de aranha é proporcionalmente superior à força do aço¹¹. Em seu regime de teia, habitando cantos da sociedade, *a crueldade é uma forma de captura.*

Uma das relações de captura mais chocantes ao qual o mundo já teve notícia tornou-se pública em 2008 quando a Europa, estarecida, descobriu que o austríaco Josef Fritzl¹² manteve sua própria filha trancada no porão de sua casa por 24 anos. Elizabeth foi rotineiramente estuprada pelo pai e teve 7 filhos nascidos dos estupros. Ao chegar aos jornais, a notícia parecia irrealizável, incabível no tempo. Como seria possível que por 24 anos ninguém viu ou ouviu nada? No porão os episódios de violência começavam e terminavam, mas a crueldade era contínua, ininterrupta. A temporalidade cruel existe aquém e além do ato violento. Para Elizabeth, capturada na infância, o tempo parou.

¹¹ Revista Super Interessante. Publicada dia 31 de outubro de 2004. São Paulo: Editora Abril.

¹² https://pt.wikipedia.org/wiki/Josef_Fritzl

A impressão de uma *estática do tempo* é patente nos relatos de crueldade, tal como o filme *Spotlight*¹³ demonstra. Episódio verídico, o filme revela gerações e gerações marcadas por abusos sexuais cometidos pelos padres da Igreja Católica. Uma rede de acobertamento dos abusos na Arquidiocese de Boston se reproduziu por décadas a fio, sem que nenhuma intervenção fosse feita. Os laços cruéis costumeiramente conservam essa *relação de continuidade no tempo*. Tanto os 24 anos de cárcere privado de Elizabeth quanto as décadas de abusos dos padres, ambos não são exemplos excepcionais. A longevidade dos laços cruéis costuma ser mais a regra do que a exceção.

Muitos vínculos afetivos obedecem a tal temporalidade contínua em função de um princípio imobilizador, que parece atuar como condição de existência da crueldade. A imobilidade, a passividade e apatia se revelam como traços presentes na vida adulta daqueles que desde a infância tiveram vínculos cruéis¹⁴. Petrificadas, algumas crianças ocupam para os pais a posição de dejetos e não possuem nenhum instrumento para sair desta condição¹⁵. A crueldade não é o fato de uma relação amorosa não se concretizar entre pais e filhos, mas sim o fato de que a criança não tem escolha sobre sua posição na cena.

De outro lado, não raro temos relatos de mães que ameaçam ou efetivamente tentam suicídio diante do movimento de autonomia emitido por seus filhos. Nestes casos, as crianças são amadas, mas ficam igualmente petrificadas subjetivamente, afinal, mover-se equivale a ser responsável pela possibilidade de morte daquele a quem se ama. Não obstante, muitos relacionamentos amorosos baseiam-se na mesma lógica de captura¹⁶. As incontáveis formas de afeto que se baseiam neste cruel princípio imobilizador trazem uma revelação surpreendente: *a crueldade não é obra exclusiva do ódio, mas também um método do amor*.

¹³ *Spotlight: Segredos Revelados (2015)*. Dirigido por Tom McCarthy e escrito por Josh Singer. Oscar de melhor filme em 2016.

¹⁴ A passividade e apatia estão desenvolvidas no artigo: GROSSO, Fabiana de Mattos (2019). *Indiferença materna e crueldade: a passividade em questão*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>

¹⁵ A crueldade entre mãe e filha está desenvolvida no artigo: COLLI, Ana Maria (2019). *A crueldade entre mãe e filha*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: < <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/> >

¹⁶ A ilusão de um vínculo estático chega a ser até romantizada, na Ponte dos Cadeados, em Paris. O voto dos amantes que ali deixam seus cadeados não é a felicidade, mas sim de um laço imóvel, impedido de se abrir.

SANCHES, Daniele Rosa. Crueldade e manejo da verdade: notas sobre o véu e máscara. Texto apresentado como resultado da pesquisa sobre Crueldade, inserida no Projeto do Instituto VOX *As Vociferações e seus tratamentos possíveis*. Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro 2019.

Com assídua frequência a imobilização subjetiva provocada pela crueldade atua em nome do amor e da proteção. Não por coincidência, o diretor Night Shyamalan elege esse princípio no filme *A Vila*¹⁷. Na ficção, um monstro encapuzado habita uma floresta assombrada que cerca uma comunidade. Em nome do amor e da proteção de seus filhos, um conjunto de pais proíbe qualquer um de tentar cruzar a floresta. Isolada, a comunidade vive em harmonia desde que ninguém ouse cruzar a fronteira. Tudo funciona bem ao redor da impossibilidade de ir além. A hegemonia só se interrompe quando um evento contingente ocorre. Um dos membros da comunidade fica gravemente ferido. Cruzar a floresta pode ser a única forma de salvá-lo. Um paradoxo se instaura. Atravessar a floresta é encarar a morte, mas ficar é consentir com ela.

Tal paradoxo e suas fronteiras assombradas estão presentes em qualquer cena cruel. A crueldade cultiva a floresta assombrada e tece com habilidade laços que encurralam o sujeito numa condição paradoxal. No mundo contemporâneo, os milhares de refugiados ocupam esse limbo. Na interpretação de Saskia Sassen¹⁸ uma das grandes atrocidades do mundo contemporâneo é, justamente, o lugar paradoxal do refugiado¹⁹. Atravessar o rio ou o mar é lançar-se à morte, ficar em seu país de origem é consentir com ela.

Encurralados pelo paradoxo muitos são aqueles que se congelam e não se movem. Não é que não tenham tentado se desvencilhar, é que a teia realizou uma captura tal que a única saída encontrada pelo sujeito é não se mover. No limite, o princípio imobilizador da crueldade cumpre aí sua função de aniquilamento subjetivo.

O aniquilamento subjetivo talvez possa ser interpretado como o desaparecimento da *voz do sujeito*, nos moldes como foi conceituada por Mauro Mendes Dias²⁰. Tal como propõe o autor, a voz em psicanálise não se confunde com o elemento sonorizável, mas sim refere-se à possibilidade de um sujeito dirigir-se a outro de modo invocante. O que o vínculo cruel retira do sujeito capturado não é a

¹⁷ Filme: *A Vila (The Village)* (2004). Dirigido por Night Shyamalan. EUA.

¹⁸ Saskia Sassen (Haia, Holanda, 1949) é professora de sociologia e copresidente do Comitê de Pensamento Global na Columbia University. Escreve regularmente para os jornais *The Guardian*, *The New York Times*, *Die Zeit*, entre outros.

¹⁹ SASSEN, Saskia. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

²⁰ DIAS, Mauro Mendes (2019). *Oficina da Voz*. (Vídeos). Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv/>

voz enquanto grito de socorro, mas sim a possibilidade de endereçamento desta voz. Não basta que o sujeito fale, grite ou denuncie, é preciso que exista um Outro em posição de escutá-lo.

É somente no Outro que a voz completa seu circuito pulsional, afirma Lacan²¹. Segundo esta teorização lacaniana, uma das principais diferenças entre a voz e olhar é o fato de que o olhar é reflexivo, parte do sujeito e retorna a ele mesmo. Entretanto, a voz é um vetor direto, parte de um sujeito e toca o corpo do Outro (Lacan, 1964). Nesta perspectiva, a crueldade é o agenciamento de uma cena na qual a voz do sujeito capturado não encontra a quem possa se endereçar. Rompe-se o circuito da pulsão invocante em sua base originária. Talvez resida neste curto-circuito basal o ponto chave de alguns suicídios. Neste sentido, os sobreviventes de tragédias, de torturas ou do Holocausto que escreveram suas experiências, talvez tenham tentado pela escrita fazer o vetor pulsional da voz tentar tocar um Outro²².

Em suma, a cena cruel mantém-se ativa, estática, enquanto durar a impossibilidade de endereçamento da voz daquele que foi capturado. A oculta temporalidade contínua dos laços cruéis vale-se de uma estrutura invisível para existir. Em psicanálise, podemos afirmar que a teia invisível à qual os homens se enlaçam uns aos outros chama-se discurso. É pelo campo discursivo que a crueldade se realiza de modo tal a exercer um circuito. O circuito é desde Um dirigido a outro, perante outros.

3

O circuito: distinção entre véu e máscara.

Todo e qualquer discurso tem a finalidade de manter um sujeito numa posição determinada. Um discurso não se dá entre dois. Não é intersubjetivo. O discurso é uma estrutura mediante a qual o agente determina a posição de um sujeito perante um laço social.

²¹ LACAN, Jacques. "Aula XIII: Desmontagem da pulsão". In: *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

²² A problemática sobre testemunhos da crueldade está no artigo: SILVEIRA NETO, Heitor Amílcar da (2019). *Crueldade vivida sob autoritarismo: testemunhos possíveis*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>

O vínculo de Michelle com Conrad Roy determina que ele ocupe o lugar de morto perante a seus pais. O vínculo de Josef com Elizabeth determina que ela ocupe o lugar de desaparecida perante uma cidade inteira. O vínculo da amiga traíra com a criança determina que ela ocupe o lugar de excluída diante do grupo. Por isso, Jacques Lacan propõe que o discurso ‘faz’ laço social. Determina a posição do sujeito no laço que habita.

Na elaboração de Jacques Lacan²³, um discurso é um circuito de vetores cujas direções fixas ligam quatro posições: verdade, produção, agente e outro. O chamado tecido social alterna entre os discursos do mestre, do universitário, da histérica e do analista. Todos eles, funcionam segundo as mesmas regras estruturais. O vetor da verdade sempre cruza a posição do agente e toca a posição do outro.

Figura 1 – Lugares do Discurso:

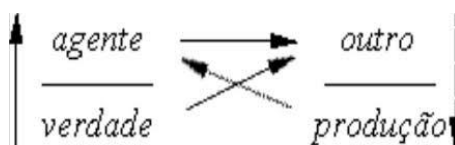
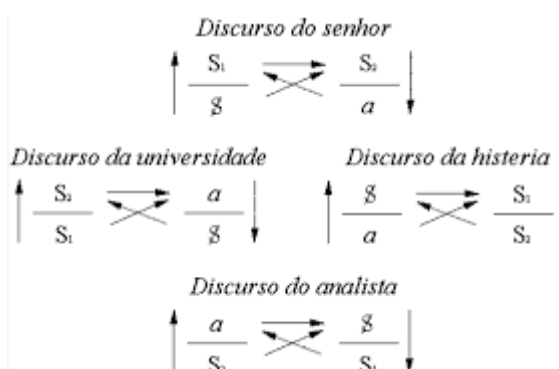


Figura 2 – Giro dos Quatro Discursos:



²³ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Em todos os discursos, do lugar da verdade apenas saem setas. Atravessada pela seta da verdade a posição de agente se direciona ao outro na condição de receptor da mensagem. O esquema de vetorização pode ser entendido como uma formalização tardia da tese lacaniana feita na década de cinquenta na qual anunciava “*eu a verdade, falo*” (Lacan, 1957)²⁴. Para Lacan, a verdade fala sem precisar ser dita. Mas há condições que favorecem tanto sua exposição quanto seu ocultamento.

No texto *Instância da Letra* (1957), Jacques Lacan afirma que quando a verdade emerge ela empurra qualquer sujeito ao movimento: “É que a uma nova verdade não podemos contentar-nos em dar lugar a ela, porque é de assumir o nosso lugar nela que se trata. Ela exige que nos mexamos” (Lacan, 1957, p. 525). A esta elaboração Jacques Lacan acrescenta na década de setenta o fato de que o agenciador de um discurso será sempre um semblante: “[...] esse lugar ainda não designado, eu o designo pelo seu nome, pelo nome que ele merece. É muito precisamente, o lugar do semblante” (Lacan, 1971, p. 24)²⁵.

Na tese lacaniana não há qualquer discurso que não seja do semblante. O semblante se define tal como um véu translúcido que deixa entrever a verdade que se quer ocultar. Ele afirma:

A verdade não é o contrário do semblante. A verdade é a dimensão ou diz-mansão – se vocês me permitem criar uma nova palavra para designar esse godês – estritamente correlata àquela do semblante. Alguma coisa é indicada, afinal, de onde quer chegar esse semblante (Lacan, 1971, p. 26).

Ao cruzar o tecido translúcido do semblante, a verdade comparece. A função lógica de um véu translúcido está presente na estrutura basal da linguagem e do laço social. No *Seminário 4: Relação de Objeto* (1956/57), Lacan define a função lógica do véu. Propõe que a saúde do desenvolvimento psíquico de uma criança é inteiramente dependente da presença desse elemento translúcido da linguagem que revela e encobre a verdade, ao mesmo tempo.

A primeira verdade oculta a ser assimilada pela criança refere-se à castração do Outro. Realizar que o Outro é desprovido de completude é angustiante, porém um passo lógico necessário à subjetividade. Na perspectiva da criança já marcada pelo vetor da verdade, o Outro pode até ser o

²⁴Lacan, Jaques. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

²⁵ Lacan, Jaques (1971/2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

portador de muitos objetos de satisfação, mas ela sabe, inconscientemente, que atrás destes objetos, nada há:

Cortina (véu)

Sujeito / objeto ----- nada

(Lacan, 1956/57, p. 158)

Jacques Lacan definiu o esquema do véu quando analisava o caso do pequeno Hans. Ao ver cair as calcinhas da mãe, Hans teve acesso à verdade que não lhe foi dita. Hans não descobre apenas que a mãe não tinha pipi, mas, principalmente, descobre que o semblante de completude sustentado por ela era mentiroso. O vetor da verdade cruzou o semblante materno e tocou Hans, obrigando-o a produzir um saber inconsciente marcado pela verdade da castração²⁶.

Tal transparência e fragilidade dos semblantes permitem ao homem se reposicionar diante do Outro. Eis aí justamente o ponto que a crueldade inviabiliza. A crueldade impede o vetor da verdade de cruzar o semblante, retirando do sujeito a possibilidade de escolha quanto ao lugar a ser ocupado por ele na cena sustentada por um discurso. Assim, promove-se o “ponto cego” do retrovisor.

Portanto, para a cena cruel se formar, é necessário introduzir um artefato discursivo e “(...) o semblante é o contrário do artefacto”, afirma Lacan (1971, p. 26). É necessário introduzir uma máscara que provoca uma mutação momentânea na condição de transparência do semblante. O semblante perde temporariamente sua condição de véu translúcido, pois atua como cortina de ferro. A máscara confere ao semblante uma consistência supostamente unívoca. A univocidade impede o laço social de fazer giros marcados pela verdade. Sem giros, sem movimentos, estamos no campo da temporalidade continuada, da estática do tempo.

No texto *A coisa freudiana (1955)*, Jacques Lacan sugere que somente a introdução de uma máscara é capaz de manter um discurso hegemônico. Para ele, o laço social é composto de dissonâncias. Ao criticar os pós-freudianos que estavam dedicados a dar uma consistência unívoca à instância do Eu, adverte seus leitores que qualquer discurso de unidade deve ser olhado com desconfiança:

²⁶ Ainda que Hans tenha levado consigo uma fragilidade subjetiva para o resto da vida, tal como propõe, Jacques Lacan.

Mas me pergunto: *de onde provém essa paz?* Que se estabelece ao se reconhecer a tendência inconsciente, se ela não é mais verdadeira que o que a cerceava no conflito? Outrossim, não é que essa paz, há algum tempo, não venha se revelando uma paz falha, já que, não satisfeitos em haver reconhecido como inconscientes as defesas do eu [...]. Acaso não se atinge o cúmulo quando se admite que a própria pulsão possa ser levada pela defesa à consciência, para evitar que o sujeito nela se reconheça?

[...] Logo, esse pouco de que tudo se trata, no caso, talvez mereça ser explicado, não é? *Essa verdade, sem a qual já não há meio de discernir o rosto da máscara e fora da qual parece não haver outro monstro senão o próprio labirinto, que é ela*²⁷. (Lacan, 1955, p. 407)

Portanto, sem a presença da verdade, não há meios de discernir o rosto da máscara. A genialidade do diretor Shyamalan reside neste ponto. Seu mito da sociedade hegemônica é justamente a fusão do rosto com a máscara. Imóveis, petrificados, aterrorizados, os filhos da comunidade não sabiam sua real posição na cena. Havia um desejo que estava alhures. Mascarado, o agente do discurso hegemônico abrigava a verdade de um desejo que jamais poderia ser visto. Um pacto desde Um determinava a posição de uns perante outros.

Assim, o ponto estrutural da crueldade está nesta ocultação da verdade que determina o lugar do sujeito na cena aberta a alguns, mas escondida de outros. Conrad Roy sabia do voto de morte que Michelle dirigia a ele, ninguém mais sabia da trama. Após capturada na infância, Elizabeth sabia da verdade monstruosa do pai, mas a cidade inteira nunca discerniu o rosto do pai da máscara do monstro. As vítimas dos padres americanos tentaram realizar denúncias, mas a sociedade ou fazia parte pacto de silêncio ou localizava-se no ponto cego. Tal como no assassinato de Galdino, o pacto coletivo será sempre um dos nomes da máscara. Mesmo o horror do Holocausto precisou valer-se desse artefacto. O segredo sobre o extermínio dos judeus foi mantido em pacto de silêncio entre os alemães até o final da Guerra, nem os próprios soldados nazistas tinham autorização para falar abertamente sobre o extermínio

²⁷ *Grifo nosso.*

SANCHES, Daniele Rosa. Crueldade e manejo da verdade: notas sobre o véu e máscara. Texto apresentado como resultado da pesquisa sobre Crueldade, inserida no Projeto do Instituto VOX *As Vociferações e seus tratamentos possíveis*. Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro 2019.

e adotaram a expressão “solução final”, tampouco os prisioneiros tinham clareza do destino até o último minuto quando eram direcionados à mentira do “banho” - uma mortífera câmara de gás²⁸.

O segredo, o pacto, o silêncio e o apagamento da verdade assinam as obras da crueldade humana. Um terceiro localizado no ponto cego é condição para que a crueldade complete seu circuito. No caso do Holocausto a própria Cruz Vermelha se manteve no ponto cego até o final da guerra. Para entender o funcionamento da crueldade é preciso considerar a função oblativa de um terceiro elemento fora da cena para o qual o vetor da verdade não acede. Este terceiro é o lugar do laço social.

Valendo-se da invisibilidade, a crueldade só é comprovada, retroativamente, *a posteriori*, quando o terceiro sai do ponto cego e incide de maneira tal a quebrar o circuito. O escândalo da Arquidiocese de Boston, a prisão de Josef Fritzl, a condenação de Michelle, a prisão dos jovens que mataram Galdino, todos eles são desfechos do fato do vetor da verdade ter causado uma mobilização pública. Olhando no retrovisor a sociedade descobre a mancha escura que estava ali, mas não via.

Por fim, um dos tratamentos possíveis da crueldade não é a denúncia de um ato, mas sim a quebra do circuito que mantém a ocultação de uma cena. Não se trata apenas que o sujeito-refém saiba de sua posição nela, mas sim de que o laço social ao seu redor não seja cúmplice em renovar o pacto de apagamento da verdade. Uma vez que a máscara caiu, torna-se responsabilidade de todos limpar a teia de aranha que se supunha parte inexorável daquela quina social que se julgava invisível.

BIBLIOGRAFIA

- COLLI, Ana Maria (2019). *A crueldade entre mãe e filha*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: <<https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>>
- DIAS, Mauro Mendes (2012). *Os ódios: clínica e política do psicanalista*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- DIAS, Mauro Mendes (2018/19). *As vociferações e seus tratamentos possíveis*. (Vídeos). Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv/>
- DIAS, Mauro Mendes (2018). *Seminário sobre o Supereu*. (Vídeos). Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Disponível em: <<https://voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv/>>
- DIAS, Mauro Mendes (2019). *Oficina da Voz*. (Vídeos). Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv/>

²⁸ O tema do segredo no Holocausto é desenvolvido pelo artigo: SCHIKMANN, Arlette D'Israel (2019). *Crueldade e Modalidades de silêncio no Holocausto*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: <<https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>>

- SANCHES, Daniele Rosa. Crueldade e manejo da verdade: notas sobre o véu e máscara. Texto apresentado como resultado da pesquisa sobre Crueldade, inserida no Projeto do Instituto VOX *As Vociferações e seus tratamentos possíveis*. Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro 2019.
- FREUD, Sigmund (1905). “Três ensaios para uma teoria da sexualidade”. In: Vol. VII. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund (1924). “O problema econômico do masoquismo”. In: Vol. XIX. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GROSSO, Fabiana de Mattos (2019). *Indiferença materna e crueldade: a passividade em questão*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>
- LACAN, Jacques (1953/54). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986
- LACAN, Jacques (1955). “A coisa freudiana”. In: *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques (1956/57). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. (Trad. Dulce Duque Estrada). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, Jacques (1957). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques (1957). “Aula XIII: Desmontagem da pulsão”. In: *O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques (1969/70). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. (Trad. Ari Roitman). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques (1971). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- SANCHES, Daniele Rosa (2018). *Fundamentos psicanalíticos para um estudo da crueldade*. (Vídeo). Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv/>
- SANCHES, Daniele Rosa (2019). *Notas sobre silêncio e passividade ou Luto e Melancolia: falências da demanda*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Fevereiro, 2019. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>
- SASSEN, Saskia (2016). *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- SCHIKMANN, Arlette D`Israel. (2019). *Crueldade e Modalidades de silêncio no Holocausto*. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>
- SILVEIRA NETO, Heitor Amílcar da (2019). *Crueldade vivida sob autoritarismo: testemunhos possíveis*. Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Setembro, 2019. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/biblioteca-instituto-vox/>